UM ARTÍFICE DA ANTROPOLOGIA

ANDRÉ BORGES E GUILHERMO RUBEN
Universidade de Campinas

Escrever sobre a vida de autores que marcam o pensamento de determinada disciplina é sempre uma árdua tarefa, principalmente quando se trata de um autor reconhecidamente influente na formação e consolidação da antropologia brasileira, como é o caso do professor Roberto Cardoso de Oliveira.

E é exatamente a este desafio que Maria Stella de Amorim se propõe em seu livro *Roberto Cardoso de Oliveira, um artífice da Antropologia*. Em verdade, como enfatiza a autora logo na introdução, uma justa homenagem a mais de 40 anos de trabalhos em favor da antropologia, prestada por ocasião do cinqüentenário da Coordenação de Aperfeiçoamento e Pesquisa (Capes).

O livro divide-se em duas partes sendo a primeira uma rápida incursão pela trajetória pessoal de Roberto Cardoso de Oliveira, sua obra e seu papel na institucionalização da antropologia no Brasil e a segunda uma entrevista concedida pelo homenageado à antropóloga Priscila Falhaber em 1999, durante a qual podemos rever o mestre em um dos exercícios mais marcantes de sua carreira, a saber, suas reflexões sobre a própria antropologia e ainda uma bibliografia completa de seus escritos.

O primeiro capítulo, intitulado "Sobre a instituição de um antropólogo", é inteiramente dedicado à trajetória pessoal de Roberto Cardoso de Oliveira. O intuito aqui, no entanto, não é simplesmente tornar pública a intimidade do autor. Mais que uma escolha arbitrária pela trajetória de vida, a autora enfatiza que, para entender os empreendimentos de Roberto Cardoso de Oliveira na formação e consolidação da antropologia brasileira, torna-se imprescindível conhecer um pouco de sua história pessoal, pois seus

empreendimentos estão ancorados em sua personalidade. Esta é, aliás, a tônica de boa parte do trabalho de Maria Stella de Amorim.

Desta maneira, são resgatadas as origens da família Cardoso de Oliveira, o ambiente no qual cresceu Roberto, sua passagem pelo curso "clássico" no segundo grau cujos textos filosóficos o fariam desistir da opção anterior de estudar medicina até seu ingresso na Universidade de São Paulo aos vinte anos de idade no curso de filosofia. Sem dúvida, a passagem por essa Instituição foi marcante tanto para sua vida pessoal, pois é lá que Cardoso de Oliveira conhece Gilda Cardoso, sua futura esposa, com quem viria a ter quatro filhos, como também para sua vida profissional. Sua inserção na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FLCH) da USP dos anos 1950 propiciou contatos e influências importantes para sua formação. É nesse Instituto que, à época, foram seus professores Gilles-Gaston Granger, Claude Lefort, Roger Brastide, entre outros. Não obstante, o momento marcante desse período foi a relação extremamente frutífera que Roberto Cardoso de Oliveira manteve com Florestan Fernandes; relação marcada por um íntimo convívio capaz de proporcionar a Roberto um contato mais próximo com a sociologia, o que atendia sua inclinação para a Epistemologia das Ciências Sociais, além do fortalecimento da amizade entre o mestre e o então discípulo.

Mas é somente em 1953 que Roberto Cardoso de Oliveira é "conquistado" pela Antropologia por intermédio de Darcy Ribeiro. Convidado por este para integrar o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), Cardoso de Oliveira entra diretamente em contato com as questões indígenas, fato marcante de sua passagem da Epistemologia para a Antropologia.

Em 1958, desliga-se do SPI passando a integrar a equipe da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde é criado, em 1968, o primeiro curso de pós-graduação em Antropologia, nos termos do Parecer Sucupira, que modernizaria a pós-graduação no país. Pode-se dizer que é a partir desse momento que Roberto Cardoso de Oliveira vê-se diante de um novo desafio: conciliar o ensino e a pesquisa. E poucos fizeram isto tão bem quanto ele! Até então a associação entre ensino e pesquisa era bastante precária. Como salienta Amorim, tratava-se de dois momentos epistêmicos distintos e sua associação somente seria possível com habilidades intelectuais difíceis de serem encontradas de maneira compatível entre professor e aluno.

Pois bem. As qualidades de Roberto Cardoso de Oliveira foram essenciais para o sucesso desse empreendimento. Não é por acaso que vários de seus ex-alunos quando indagados sobre os cursos ministrados pelo antigo

mestre enfatizam uma inesquecível relação aluno/professor perpassada pela tensão entre um extremo rigor e um forte carisma. Isto revela a figura de um professor que, acima de tudo, não só mostrava-se constantemente preocupado com a boa formação de seus alunos como também com a própria disciplina e o compromisso acadêmico de seus futuros profissionais. Em suma, como nos revela Amorim, suas qualidades pessoais foram a base e o "segredo" do sucesso do método utilizado pelo professor Roberto.

Mas se as qualidades pessoais contribuíram para o surgimento de cursos de pós-graduação em Antropologia, para a boa formação de antropólogos e até mesmo para a consolidação da profissão de antropólogo, elas também foram se elaborando ao longo da trajetória profissional de Roberto. Conforme enfatiza Amorim, principalmente a mudança de São Paulo para o Rio de Janeiro possibilitou a Roberto Cardoso de Oliveira a oportunidade de construir a sua carreira. Mais que isso, aquele momento proporcionou a transformação íntima que culminaria na instituição de si mesmo como profissional e como acadêmico. Só a partir dessa época houve a possibilidade de instituir para os outros as condições necessárias à formação de novos antropólogos.

Amorim revela ainda um aspecto interessante da formação de Roberto Cardoso de Oliveira. Segundo argumenta, toda a trajetória e experiências vividas pelo antropólogo foram a marca definitiva de sua formação. Em outras palavras, sua identificação está inscrita não em uma ou outra instituição em particular, mas em sua trajetória, o que, no nosso entender, o torna um autor com um estilo único de produção. Como bem declarou Amorim, um profissional capaz de imprimir seu estilo nas instituições por que passa, incluindo-se aí sua instituição de origem.

De fato, a autora consegue ser fiel a sua proposta de conciliar a personalidade de Roberto Cardoso de Oliveira com a sua trajetória intelectual e profissional. Se no primeiro capítulo tomamos contato com os cursos, os projetos e a formação do biografado, é no segundo capítulo – itinerários na obra de um autor – que nos é revelada a obra escrita de Roberto Cardoso de Oliveira.

Para fins de destacar a importância dos temas tratados por ele em sua carreira, a autora divide sua obra – a ênfase recai somente sobre os livros publicados – em três eixos temáticos ou itinerários, cada um deles identificados ao longo de seus escritos entre 1955 e 2000.

O primeiro deles refere-se à produção cuja preocupação principal está voltada para as relações interétnicas, inserindo-se aí a "fricção interétnica", o "colonialismo interno", o campesinato indígena e a identidade étnica. Assim, suas pesquisas vão desde os estudos dos Terêna e dos Tükúna até as pesquisas sobre a influência da ideologia de catalanidade na formação da antropologia da Catalunha, nas quais o autor pode se utilizar da noção de identidade anteriormente desenvolvida no estudo com os índios brasileiros.

O segundo eixo temático é apresentado por Amorim como englobando as preocupações de Roberto concernentes às relações entre a Epistemologia e a Antropologia. Pode-se dizer que os livros inseridos nessa temática são marcados pelo constante exercício de reflexão sobre o que ele sempre enfatizou ser "a minha disciplina". Não estaríamos incorrendo em exagero se disséssemos, baseando-nos em Amorim, ser aqui o local onde fica mais evidente a formação filosófica de Roberto Cardoso de Oliveira. A autora apresenta um resumo das principais formulações teóricas do homenageado nesta fase de seu trabalho, com especial destaque para a elaboração da clássica matriz disciplinar desenvolvida no livro "Sobre o pensamento antropológico", também retomada pelo autor em sua entrevista ao final da biografia e, em seguida, a posterior reflexão sobre a constituição da antropologia brasileira, na qual os paradigmas presentes na matriz disciplinar teriam gerado outros paradigmas.

Finalmente, o terceiro e último itinerário seria a "ética discursiva no contexto da antropologia". O que temos então é uma articulação entre a Epistemologia e a Ética. Inspirado em Karl Otto-Apel e Jürgen Habermas, Roberto Cardoso de Oliveira propõe a idéia de uma comunidade de argumentação como um local privilegiado no qual os indivíduos teriam condições de empreender um diálogo intersubjetivo capaz de estabelecer regras aceitas conjuntamente. Isto poderia ocorrer, por exemplo, na própria Antropologia, em que a comunidade de argumentação seria formada por profissionais, em encontros internacionais ou então em "encontros etnográficos", podendo ganhar, neste caso, dimensões universais. Essas seriam algumas das dimensões possíveis da aproximação entre a ética do discurso e a Antropologia.

Se bem entendemos Amorim, é também nesse momento que Roberto Cardoso de Oliveira consegue aliar a preocupação filosófica, eminentemente "não-experimental", à experiência empírica tão cara à Antropologia. Com

isso, o autor consegue problematizar as especificidades do "fazer antropológico" e as operações praticadas pelo sujeito cognoscente, isto é, a experiência subjetiva na construção de um conhecimento científico.[1]

O terceiro e último capítulo mostra-nos os principais projetos de Roberto Cardoso de Oliveira para implantação de programas de pesquisa e de pós-graduação em universidades brasileiras. Entre eles a autora destaca o projeto "Estudos de áreas de fricção interétnica no Brasil" que, em conjunto com o "Harvard Central Brazil research project", sob a dupla coordenação dele e de David Maybury Lewis, renderam importantes publicações além das bases para a aliança de Cardoso de Oliveira com Maybury Lewis, fundamental para a criação, em 1968 do PPGAS do Museu Nacional.

Foi também o professor Roberto o responsável, com a colaboração de Roque Laraia, Júlio Cezar Melatti, Alcida Ramos, entre outros, pela formação, em 1972, do programa de pós-graduação da Universidade de Brasília, sendo esse novo empreendimento realizado nos moldes do programa do Museu Nacional e também com o apoio da Ford Foundation.

Já em 1985, Roberto aceita o convite da Unicamp para participar da implantação de um doutorado interdisciplinar sendo ainda sua presença crucial para a formação posterior de uma área desse doutorado em vigor até os dias atuais, denominada "Itinerários intelectuais e etnografia do saber". Atualmente ele é Professor Emérito do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas mantendo ainda fortes vínculos com a mesma, já que a condição de emérito lhe assegura um elo permanente com aquele Instituto.

Com isso, Amorim ressalta a diversidade da atuação profissional do antropólogo que não obstante estar vinculado à UnB ainda mantém vínculos intelectuais e acadêmicos com diversas instituições nacionais e internacionais. Mais que isso, a autora consegue mostrar um antropólogo trabalhando desde o início em favor da institucionalização da Antropologia.

Mas se até então o livro de Maria Stella de Amorim se nos apresenta como uma espécie de narrativa ou, para usar uma expressão tão cara atualmente à Antropologia, um tipo de trabalho essencialmente monológico, no

1. Os assuntos abordados nos dois últimos eixos podem ser encontrados principalmente nos livros *Sobre o pensamento antropológico* e *O trabalho do antropólogo*, ambos de autoria de Roberto Cardoso de Oliveira.

qual a voz da autora é preponderante, é na segunda parte que a voz de Roberto Cardoso de Oliveira aparece com mais força. A inserção da entrevista dada por ele à Priscila Faulhaber sem dúvida enriquece a biografia na medida em que o entrevistado expõe suas reflexões mais recentes sobre a disciplina.

Este é, em linhas gerais, o conteúdo do livro. Como a autora reconhece no início de seu trabalho, não foi sua intenção realizar uma análise da obra desse eminente antropólogo. Certamente poderíamos acrescentar não ter sido sua intenção esgotar a trajetória intelectual e pessoal do biografado. Isto, no entanto, não compromete o trabalho. Pelo contrário, com essa pequena biografia podemos ter uma idéia da forte personalidade de Roberto Cardoso de Oliveira e, principalmente, de sua incomensurável contribuição para a Antropologia brasileira.

No entanto, o texto apresenta um aspecto não explorado satisfatoriamente por Amorim com o qual gostaríamos de finalizar. Partindo da acertada relação entre a personalidade e o sucesso profissional de Roberto Cardoso de Oliveira, poderíamos ressaltar um intrigante elemento comum que parece perpassar quase todas as preocupações desse antropólogo: de uma maneira ou de outra, ao longo de toda a sua trajetória, ele sempre esteve preocupado com relações marcadas por certa tensão. Seu principal objeto de reflexão está sempre associado a algum tipo de "fronteira", seja ela territorial, social ou teórica. Senão vejamos.

No início de sua carreira, Roberto Cardoso de Oliveira volta-se para as relações interétnicas, isto é, relações entre a sociedade indígena e a sociedade nacional. Posteriormente, em suas reflexões sobre o fazer antropológico, encontramos Roberto sempre preocupado com as tensões inerentes às relações entre os paradigmas da disciplina. Mais que isso, o autor também se propõe a pensar as relações entre as antropologias centrais e as periféricas.

Mais recentemente, ele se volta para a questão do diálogo interétnico, seja no âmbito da pesquisa etnográfica – notadamente marcada por uma assimetria entre observador e observado – seja em escala planetária, cuja relação envolve as várias etnias, os Estados nacionais e a organizações internacionais.

O próprio autor parece ratificar esta singularidade de sua trajetória intelectual quando, na referida entrevista, afirma que "se tivesse que reescrever o que escrevi sobre a matriz disciplinar, acrescentaria hoje a afirmação de que essa matriz é, em verdade, o próprio paradigma da Antropologia

de nossos dias" (p. 98). De que maneira poderíamos associar isto à sua personalidade e à sua formação intelectual é algo que não temos elementos para responder. Talvez tenhamos uma pista em sua própria formação intelectual, uma formação marcada pela forte relação entre a Antropologia e a Filosofia. Mas não nos cabe aqui a tarefa de empreender essa investigação.

Assim é Roberto Cardoso de Oliveira. Um autor ímpar, sempre coerente ao aliar a prática da disciplina às suas elaborações teóricas. Um autor cuja obra tem como principal característica a não filiação a uma única tradição intelectual e teórica. Pelo contrário, tal qual afirma Amorim ao longo de seu trabalho, uma obra sempre marcada pela influência de várias tradições – reflexo de sua formação híbrida – sem deixar ser, obviamente, excelente antropologia, esta sim, a única filiação que Roberto Cardoso de Oliveira reivindica para si. E é tudo isto que o torna um dos mais fecundos e admiráveis antropólogos da atualidade.